

## ESTÉTICA DA DOR

DULCE MARIA VIANA

"E no entanto é preciso cantar." A despeito do cotidiano. A despeito da tristeza. A despeito da saudade. A despeito da desesperança. A despeito da amargura. Da angústia. Da agonia. Da efemeridade. É preciso cantar a despeito da dor.

É essa, talvez, uma das razões pelas quais Sânzio de Azevedo lança o seu *Canto Efêmero* (Fortaleza, SCD, 1986), onde reaparecem, aumentados, os *Cantos da Longa Ausência*, originalmente publicados em São Paulo, nos anos sessenta: para imprimir sua marca de poeta não comprometido nem com a cultura hedonista tão em voga atualmente (vejam-se todos os desdobramentos literários da propalada "política do corpo". . .) nem com as soluções fáceis do romantismo insosso e piegas não menos freqüentador de nossas plagas ditas intelectuais: cantar a dor no discurso da lamúria é uma das experiências mais corriqueiras da maioria dos "poetas" de hoje e de ontem.

A adequação necessária entre o tema e a linguagem, fundamental a quem se propõe a dispensar essas aspas, é tarefa para poucos. Para escolhidos. Para poetas do porte de Sânzio de Azevedo que, abrindo mão das facilidades do tom ultraromântico, desgastado pelo tempo e pelo abuso, vai investir todo seu potencial criativo numa dicção enxuta e depurada, mas nem por isso menos emotiva, menos capaz de despertar a sensibilidade do leitor. Veja-se, por exemplo, o tema da ausência, talvez um dos mais trabalhados no livro, na medida em que se alia ao da dor: "Havendo escuros danos por antolhos, / Devo de não mais ver-vos, por aviso; / Se só em vos lembrar já perco o siso, / Que fora, se vos vissem os meus olhos?" Ausência da amada, como vemos. Ausência dos familiares queridos: "Morto meu pai, na funda solidão / cada vez mais saudades nascerão"; "Hoje estive lembrando, tio Humberto, / aquele tempo em que, ao sair comigo, / em cada barbearia era bem certo / você me apresentar um velho amigo"; "Quisera, mãe, a inspiração de um verso / para falar do teu amor divino, / onipresente amor que anda disperso / por toda a solidão do meu destino. . ." Ausência da cidade natal, cantada noutras paragens: "pois se não tenho a ti como desejo, / ó Fortaleza amada, eu te revejo / com os olhos da saudade. . ."

É bem provável que a introjeção do caráter quase definitivo dessas ausências tenha gerado uma necessidade compensatória que se vai evidenciar numa verdadeira recuperação de raízes que esta opera. Nesse processo, os estilhaços da vivência do poeta comparecem com toda a contundência de seu próprio fracionamento, fazendo com que, em conjunto, o resgate se dê de fato, nem que seja no nível do discurso, no fato do discurso. Volta, assim, a infância, com seus circos. Volta a adolescência, quando "Aos poucos as melodias / revestem-se de mais

poesia". Voltam as imagens antigas, paisagens de velhas ruas, voltam as torres e os sinos do Coração de Jesus. Voltam as histórias reais, Borba Gato e Anhangüera, "Raposo Tavares e outros mais", volta o sertão e o mar, volta o olhar das garotas, voltam os sons do luar.

E voltam acompanhando referentes culturais, "Pade Ciço" e Lampião, Antônio Nobre e Pessoa, Pessanha e José Albano e Padre Antônio Tomás.

*Canto Efêmero* talvez tenha um único senão: seu próprio título, aliás desdobrado em "Palinódia", o poema de abertura: "já hoje, bacharel em desenganos, / move-me tão-somente a ânsia / de dar um pouco mais de ressonância / a esses textos que, escritos tão a esmo, / dizem tanto de mim, são tão eu-mesmo, / que, apesar do desejo de ficar, / tal como passarei, hão de passar. . ."

Os homens passam, é verdade, mas os textos ficam, quando têm valor, quando são verdadeiros, quando conjugam técnica e sensibilidade, enfim, quando são legítimas obras de arte. Daí a discordância: *Canto Efêmero* é poesia que vai permanecer na literatura brasileira como um de seus momentos mais expressivos, a despeito de uma própria transitividade poética, de sua própria brevidade discursiva, de sua própria efemeridade temática.

## CARTA DE JORGE MEDAUAR A SÂNZIO DE AZEVEDO

É pena a gente não ter por aqui uma janela aberta num jornal para poder proclamar o quanto é bela a sua poesia. Você é um dos poucos poetas que ainda prezam a língua e trabalham o verso, enfeitando-os, quando quer, com a precisão de rimas dignas de um dos seus admiradores, que foi o mestre Guilherme de Almeida, sem dúvida um dos maiores técnicos da forma. Vejo que você dedica poemas a gente da melhor qualidade, como esse profissional do conto, que é Moreira Campos, meu mestre, Artur Eduardo Benevides, Antônio Girão Barroso e tantos outros que também são amigos e que tanto admiro. Quando leio um poeta ou prosador do Ceará, é como se lesse a um irmão, tanto que me sinto ligado a esta Fortaleza de muitos encantos. Mas voltando a seu *Canto Efêmero*, me detenho especialmente nos sonetos, todos eles elaborados da melhor matéria, com essa riqueza de conteúdo que faz do poema um momento de emocionalidade poética que fica a cantar dentro da gente como música que vem não do poeta, mas dos céus. Muitos de seus sonetos poderiam ser assinados até mesmo pelo próprio Guilherme, por Bilac ou Martins Fontes, tal o cuidado com que você monta cada palavra, cada verso, neles engastando (como se dizia) a rima de melhor efeito. Mas o que me prende ainda mais a seu mundo de belezas é esse amor à sua terra e aos valores humanos que você destaca com a eternidade de seu poema. Seus "Dez